

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — CARLOS JOSÉ DE SOUSA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI — Número 1.747

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-6

Terça-feira, 5 de Agosto de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 116 e 117

A educação da criança não pode estar entregue a reaccionários.

A escola deve servir para esclarecer

os espíritos e nunca para embrutece-los.

A IGREJA CONTRA AS CRIANÇAS

Muita gente costuma sorrir-se, com ironia desdenhosa, quando ouve falar do perigo clerical. Essa ironia, que sintetiza um grande desprezo pelos padres e pelos que andam no conhecimento dos seus manejos os combatem, serve admiravelmente a causa da igreja.

E certo que hoje, os padres, principalmente nos dois grandes centros do país, e algumas cidades mais populosas, não têm as audácia dos tempos, nem se laçam abertamente nas suas alegrias e rancorosas manifestações de intolerância. Contudo, nos dois grandes centros que obra formidável de captação e evangelização eles não têm realizados. Não conseguem alargar a fé católica pois que o scepticismo, só o ponto de vista religioso, vai contagioso e fazendo grandes estragos, mesmo entre os fiéis.

A posar disso, não deixam de ser consideráveis os esforços que eles realizam junto das mulheres que por razões que são facilmente compreensíveis cedem mais facilmente às sugestões clericais do que os homens e quanto às crianças... As crianças correm, de facto um grande perigo! E' que se a religião inculcada a uma criança constitui um absurdo, a educação religiosa é um crime e um perigo.

Foi a educação religiosa que fez degenerar os caracteres, que criou gerações compostas na sua maioria por criaturas, sem coragem, indecisões, débeis e hipócritas. Essa educação atreigou-se de tal maneira na maioria dos individuos que a receberam, que estes mesmo quando os seus reverentamentos de opinião, não conseguiram anular completamente os estigmas morais contrários.

Só quem ignora a influência que a educação pode exercer num indivíduo em numa sociedade, é que se não alarma quando sabe que milhares de crianças estão sendo educadas por padres e gente ajuizada. O que se está fazendo é repugnante. Explorase com a triste miséria e com a triste inconsciência dos pais, e a tristeza das sopas sem grande poder alimentício e das farrapos vistosos, vão-lhes embrutecendo os filhos.

Grande Festa Pró-“A Batalha”

A comissão organizadora desta festa, que com o patrocínio do Sindicato dos Impressores Tipográficos se vai realizar no próximo dia 23 no Salão de Festas da Construção Civil, tem trabalhado ativamente na sua organização tendo já o programa definitivamente organizado, de forma a poder proporcionar a todos os operários que a ela concorram um útil e instrutivo passatempo em virtude do carácter das peças que vai levar à cena e dos apreciados números de ventríloquia e ilusionismo.

Assim, de esperar será que todo o operariado a ela concorra dado o fim para que é destinada, transformando-a numa eloquente manifestação de solidariedade para com o seu intemerito orgânico.

Classes que reclamam

Empregados menores do Estado

Pela comissão ultimamente nomeada em assembleia magna foi entregue nas duas casas do Parlamento uma representação em que, fazendo-se avultar as desigualdades na distribuição de melhores ou funcionários que resultará da aplicação dumha proposta do ex-ministro das Finanças sr. Alvaro de Castro, se reclama uma subvenção única para todos os funcionários, em conformidade com o agravamento das condições de vida e sem diferenças hierárquicas, visto que estas seriam manidas nos vencimentos de categoria e exercício.

SEÇÃO TELEGRÁFICA

Federação:
METALÚRGICA

Peniche. — Recebemos ofício e direcção. Segue expediente e vamos ofício.

Abrantes. — Enviamos expediente e segue ofício.

Sindicato do Pórtico. — Segue ofício e anexo pró-grevistas.

Comitê do Norte. — Esperamos resposto ao nosso ofício.

Sindicato de Vila Real de Santo António. — Mandem-nos informes com urgência. O camarada Júlio de Matos está já em Lisboa.

Quasi todos os asilos estão nas mãos de gente reaccionária. O número de instituições de caridade, tipo Florinhas da rua, tem aumentado consideravelmente. Quasi todos esses bando de bensfeitores e bensfeitores são compostos por gente a quem a miséria não consegue e que só tem um intuito: alargar o número dos fanáticos, aumentar os crentes subordinados à igreja. A educação dada a essas crianças constitui, como dissemos, um crime. A maior parte dos períodos escolares é consagrada a rezas, a decorar catecismos, a outras cantatas religiosas. Os períodos diários de escola são demasiado longos, produzem nas crianças uma fadiga cerebral nefasta. De modo que esta obra de embrutecimento está fazendo, sem o menor obstáculo, livremente. E, livremente, se continua fazendo, sendo de notar as grandes dificuldades que reveste qualquer acção que se intente para libertar as crianças. Essa obra, faz-se sem esforços, e sem o menor protesto. Ninguém, por enquanto, se alarme. Mas, os que diante destes manejos reaccionários ficam tranquilos e desdenhosos, se lembram que se compromete o futuro deixando que os padres ou os fanáticos embrutecam milhares de crianças será, talvez, um pouco tarde para concordar com desordens.

Para confirmar leia-se a carta escrita a Hintze Ribeiro em que D. Carlos escreve: «não nos fazemos ilusões», tradução textual do francês. O resto das cartas revela a poliglota de vocabulário próprio dum estrangeiro que conhece mal a nossa língua. Vejam por exemplo isto: «Tendo o Presidente de Conselho, cons.» Hintze Ribeiro, acabado neste momento, por carta que acabo de receber e por motivos... que deixa voz ao exterior, de depor nas minhas mãos a demissão do Ministério e desejando eu que n'este momento, te encarregues da formação do novo ministério de que aqui venhas falar-me.» (Carta I). Tódas essas represeções não denotam os embarracos em que D. Carlos se precipitou, pois não houve tempo de pôr o verbo no plural para concordar com desordens.

Carta II: «nada sofreste pessoalmente, e; «Cousa nenhuma de maior sorte, poderia ter sucedido; «histórias suas rias, e; «manifestação que bem útil será, ao nosso bom prosseguir».

Carta III: «ou partidário do emprêgo da força, quando for necessário.»

Carta IV: «E' continuarmos pois no mesmo caminho, o meu apoio sincero e leal, para seguir neste caminho, e será sempre completo e absoluto.»

As cartas de D. Carlos

Publica João Franco em livro 14 cartas do rei D. Carlos que, sem valerem os 14 pontos de Wilson, só a elas se assemelhando no número, têm contudo um alto valor histórico. Essas cartas dão-nos a figura do monarca, com as suas qualidades e defeitos, e servem sobretudo para demonstrar a sua consciente responsabilidade na ditadura iraniana.

Documentos preciosos sob tantos aspectos, não podiam deixar de ser aproveitados para fazermos algumas considerações que elas nos sugerem. Ninguém poderá dizer que inventamos, pois no reportamos ao que o próprio D. Carlos e o seu sénior escreveram.

Em primeiro lugar temos a frisar este facto, que alias é novidade para ninguém: o rei D. Carlos não sabia escrever o português. Diz João Franco a páginas 18 do seu livro «concededor e possuidor das línguas, especialmente do francês e do inglês, por forma que delas se servia como da sua própria». Do francês e inglês do falecido monarca nada sabemos, mas deles sabia tanto como do português não estava muito bem servido. Acreditamos contudo que alguma coisa soube do francês e pela razão seguinte: é que as suas cartas parecem por vezes escritas por um francês que conservasse a gramática francesa na construção dos períodos.

Aí vai um exemplo: Na carta IX o rei D. Carlos escreve textualmente: «Talvez assim se evitava mais desordens na Câmara». Isto é autêntico francês, que não tem o recurso do conjuntivo. João Franco acredita-lhe e ao reproduzir a carta impressa emenda: «Talvez assim se evitasse mais desordens na Câmara». Vê-se que a emenda foi precipitada, pois não houve tempo de pôr o verbo no plural para concordar com desordens.

Carta V: «esta minha opinião que como vés é só baseada no desejo de se continue no caminho que encetamos.» Carta VI: «Cada vez mais me convenço de que vamos no bom caminho.»

Carta IX: «mas me parece não só útil mas necessário prosseguir no caminho que encetamos.»

... e temos que seguir o nosso caminho dão quem dever.

As dificuldades que encontramos no nosso caminho.»

Carta XI: «não é homem de Estado, nem sabe servir o seu Paiz aquela que julgando ter arredado um árro o se não penitência d'ele e não esteja pronto, reconhecedo-o, a seguir por caminho diverso.»

... e desejamos que tenho de que o governo possa prosseguir no seu caminho.»

Carta XIII: «Devemos prosseguir no nosso caminho, dada a quem doer, e nesse caminho sempre me encontrarás ao teu lado e ao dos teus colegas...»

... e desejamos que tenho de que o governo possa prosseguir no seu caminho.»

Carta XIV: «nem a ti nem a mim será o medo que nos fará mudar de caminho. Cada vez mais me convenço que o caminho que traçamos é o bom.»

Isto quanto ao estilos. Quanto à pontuação temos isto, para amostra:

Carta I: «desejando eu que neste momento, te encarregues.»

Carta II: «nada sofreste pessoalmente, e; «Cousa nenhuma de maior sorte, poderia ter sucedido; «histórias suas rias, e; «manifestação que bem útil será, ao nosso bom prosseguir.»

Carta IV: «completa adesão, e todo o meu apoio.»

Carta V: «não se encerar a sessão, e; «ainá para não dizer pernicioso, uma nova abertura do Parlamento; «já te dissera que ultimamente, tinha trabalhado; «no bom caminho, e; «ainá vez maior, e cada vez mais, tu e os teus colegas.»

Carta VIII: «ou partidário do emprêgo da força, quando for necessário.»

Carta IX: «o que me disseste hoje depois das sessões, e algumas informações.»

Carta XI: «não levados, por mesquinhos considerações; «podermos, fazer.»

Carta XII: «lançar a público, a questão dos adiantamentos.»

João Franco ao dar impressas as cartas pratica a obra meritória de lhe suprimir uma parte dessas virgulas. Tanto a palavra Disculpa da Carta XI é corrigida para desculpa. Mas João Franco não pode atuar a tudo e lhe ficaram mesmo na parte impressa muitas virgulas separando copulativas, afastando o sujeito do verbo, o verbo do complemento direto. O que é curioso é que João Franco chegar a deixar-se sugestionar por esta estranha virgulagem. Veja-se a pag. 133 em que escreve o próprio Franco: «Enfim, fui licenciado.»

Por aqui se faz uma ideia do valor literário desses documentos. Quanto ao seu valor político e aos comentários que João Franco lhes faz, havemos de falar ainda.

Carta V: «esta minha opinião que como vés é só baseada no desejo de se continue no caminho que encetamos.»

Carta VI: «Cada vez mais me convenço de que vamos no bom caminho.»

Carta IX: «mas me parece não só útil mas necessário prosseguir no caminho que encetamos.»

... e temos que seguir o nosso caminho dão quem dever.

As dificuldades que encontramos no nosso caminho.»

Carta XI: «não é homem de Estado, nem sabe servir o seu Paiz aquela que julgando ter arredado um árro o se não penitência d'ele e não esteja pronto, reconhecedo-o, a seguir por caminho diverso.»

... e desejamos que tenho de que o governo possa prosseguir no seu caminho.»

Carta XIII: «Devemos prosseguir no nosso caminho, dada a quem doer, e nesse caminho sempre me encontrarás ao teu lado e ao dos teus colegas...»

... e desejamos que tenho de que o governo possa prosseguir no seu caminho.»

Carta XIV: «nem a ti nem a mim será o medo que nos fará mudar de caminho. Cada vez mais me convenço que o caminho que traçamos é o bom.»

Isto quanto ao estilos. Quanto à pontuação temos isto, para amostra:

Carta I: «desejando eu que neste momento, te encarregues.»

Carta II: «nada sofreste pessoalmente, e; «Cousa nenhuma de maior sorte, poderia ter sucedido; «histórias suas rias, e; «manifestação que bem útil será, ao nosso bom prosseguir.»

Carta IV: «completa adesão, e todo o meu apoio.»

Carta V: «não se encerar a sessão, e; «ainá para não dizer pernicioso, uma nova abertura do Parlamento; «já te dissera que ultimamente, tinha trabalhado; «no bom caminho, e; «ainá vez maior, e cada vez mais, tu e os teus colegas.»

Carta VIII: «ou partidário do emprêgo da força, quando for necessário.»

Carta IX: «o que me disseste hoje depois das sessões, e algumas informações.»

Carta XI: «não levados, por mesquinhos considerações; «podermos, fazer.»

Carta XII: «lançar a público, a questão dos adiantamentos.»

João Franco ao dar impressas as cartas pratica a obra meritória de lhe suprimir uma parte dessas virgulas. Tanto a palavra Disculpa da Carta XI é corrigida para desculpa. Mas João Franco não pode atuar a tudo e lhe ficaram mesmo na parte impressa muitas virgulas separando copulativas, afastando o sujeito do verbo, o verbo do complemento direto. O que é curioso é que João Franco chegar a deixar-se sugestionar por esta estranha virgulagem. Veja-se a pag. 133 em que escreve o próprio Franco: «Enfim, fui licenciado.»

Por aqui se faz uma ideia do valor literário desses documentos. Quanto ao seu valor político e aos comentários que João Franco lhes faz, havemos de falar ainda.

Carta V: «esta minha opinião que como vés é só baseada no desejo de se continue no caminho que encetamos.»

Carta VI: «Cada vez mais me convenço de que vamos no bom caminho.»

Carta IX: «mas me parece não só útil mas necessário prosseguir no caminho que encetamos.»

... e temos que seguir o nosso caminho dão quem dever.

As dificuldades que encontramos no nosso caminho.»

Carta XI: «não é homem de Estado, nem sabe servir o seu Paiz aquela que julgando ter arredado um árro o se não penitência d'ele e não esteja pronto, reconhecedo-o, a seguir por caminho diverso.»

... e desejamos que tenho de que o governo possa prosseguir no seu caminho.»

Carta XIII: «Devemos prosseguir no nosso caminho, dada a quem doer, e nesse caminho sempre me encontrarás ao teu lado e ao dos teus colegas...»

... e desejamos que tenho de que o governo possa prosseguir no seu caminho.»

Carta XIV: «nem a ti nem a mim será o medo que nos fará mudar de caminho. Cada vez mais me convenço que o caminho que traçamos é o bom.»

Isto quanto ao estilos. Quanto à pontuação temos isto, para amostra:

Carta I: «desejando eu que neste momento, te encarregues.»

Carta II: «nada sofreste pessoalmente, e; «Cousa nenhuma de maior sorte, poderia ter sucedido; «histórias suas rias, e; «manifestação que bem útil será, ao nosso bom prosseguir.»

Carta IV: «completa adesão, e todo o meu apoio.»

Propaganda contra a guerra

O operariado vimarense aplaude vibrantemente uma conferência de Mário Domingues contra os guerristas e os exploradores

GUIMARÃES, 2.—Conforme *A Batalha* anuncia, reuniu-se ontem no teatro D. Afonso Henriques desta cidade uma conferência pública acerca da grande guerra. O conferente foi o nosso camarada Mário Domingues.

O teatro D. Afonso Henriques, amplo e bem iluminado, uma das melhores casas de espetáculo do país, encontrava-se literalmente cheio. Gente de todas as classes sociais—predominando entretanto, o operariado—ouvira, com a mais cortez atenção, as palavras do orador, que por vezes, chegam a arrebatá-la a multidão a pontos de grandes salvadas de palmas cobrarem a sua voz.

O orador que foi apresentado pelo camarada João Silva, do Sindicato Único da Construção Civil, principiou por declarar que não trazia na sua bagagem as palavras de bala, mas inútil, exaltação que os republicanos usavam no tempo da sua propaganda. Trazia apenas a sua sinceridade, factos e ideias.

Entrando no assunto da sua conferência, recordou a grande guerra de 1914 que ceifou milhões de vidas. Disse que houve duas espécies de razões que arrastaram os povos à guerra, uma aparente e falsa, outra real e oculta. A primeira foi o ludibri, foi a armadilha em que o povo caiu: a defesa da Liberdade e da Justiça; a segunda foi o interesse mesquinho e reles de algumas classes capitalistas inglesas e alemães. Os direitos sagrados da Bélgica invadida, que a Inglaterra evocou para entrar na carnicina não traduziam um sincero amor à Liberdade dos povos mas a necessidade que a Inglaterra tinha de desmascar a indústria alemã sua poderosa rival. O combate ao militarismo é a luta de classe. A França agitou para encobrir os franceses de ódio contra a Alemanha eram o manto lindo que cobria o desejo que os metalúrgicos franceses tinham de apossar-se do aço alsaciano e do carvão do Ruhr.

Proseguindo, demonstra que o conflito guerreiro que envolve todo o mundo não visava a libertação humana mas simples defesa de vários potentados industriais da Alemanha, da França e da Inglaterra. E em holocausto a esses industriais que não se bateram, que não morreram nos campos de batalha, perceram milhões e milhões de homens, os mais fortes, os mais saudáveis das principais nações do mundo. Pode dizer-se que uma geração humana se perdeu, por conveniência de meia dúzia de cavaleiros sem escrúpulos, nocivos à colectividade.

Em seguida, Mário Domingues analisou os motivos que levaram Portugal a entrar nessa contenda que só interessava à Inglaterra, à França e à Alemanha industriais.

Os propagandistas da guerra, os defensores da participação de Portugal na conflagração europeia apresentaram duas razões basilares como argumentos supremos a seu favor: a velha aliança luso-britânica e a solidariedade com a França, país da liberdade. Combater ao lado da Inglaterra, diziam os propagandistas, não só é um dever a que nos obriga uma velha aliança, como uma necessidade nacional, porque Portugal precisa de estar bem com uma grande potência, como o Grão-Bretanha, a fim de ter assegurado o seu predominio nas colónias. Portugal, recusando-se a juntar ao lado da Inglaterra, arrisca-se, logo que termine a guerra, a perder o seu império colonial.

A aliança inglesa, afirmou o orador, contestando os argumentos dos guerristas, é uma burla. Não há aliança, porque aliança é um contrato que se faz em igualdade de circunstâncias, é uma permuta de serviços equivalentes. Há a submissão de Portugal à Inglaterra, o que é servilismo rasteiro, baixo e ridículo. A amizade da Inglaterra, que obriga os portugueses a trair os povos; a amizade inglesa que, a menor escaramuça intima entre portugueses, nos expelliria do Tejo com os canhões ameaçadores da sua esquadra; a amizade inglesa que rouba as colónias portuguesas; a amizade inglesa que nos tem na dependência absoluta da sua liberdade imperial—não é amizade é tirania.

Os aplausos da numerosa assistência estrafalharam ouvindo os aplausos vibrantes.

Mário Domingues, brossegue impermeável, atacando com energia séria, esmagadora. Quanto ao desejo de se manter um vasto império colonial, não o podemos admitir, diz, como um argumento decisivo. É preciso verificar-se primeiramente se Portugal tem ou não direito de manter um império colonial, se tem ou não competência para desenvolver e fazer progredir as suas colónias, se há ou não o direito de qualquer país, por mais rico e adiantado, manter sob o seu domínio outros povos, embora mais atrasados. Portugal não tem força, nem competência colonizada para possuir colónias tan vastas. A miséria da sua administração verifica-se a cada hora, não apenas nas colónias, como Moçambique, como Cabo Verde, mas dentro do próprio país, onde a agricultura é uma miséria, a indústria uma fiação e a administração pública uma falácia. Quanto ao argumento de se combater, ao lado da França democrática, o militarismo alemão, é um, contrarreto, porque nunca se combate o militarismo militarizando um país, nunca se combate o assassinato com o assassinato, nunca se derrou a educação, a saberdade, a liberdade de pensamento, a moralidade na administração pública.

Não é preciso, disse, ser-se de uma cultura muito elevada

para apreciar as numerosas assistências estrafalharam ouvindo os aplausos vibrantes.

Após uma curta pausa o orador passou à análise do problema interno, da desmoralização política e social e da falácia das actuais instituições. Relembrou as promessas dos caudilhos republicanos no tempo da monarquia: o desenvolvimento ao ensino, a proteção à infância, as oito horas de trabalho, a extinção da carência da vida, a proteção aos operários e operárias, a liberdade de pensamento, a moralidade na administração pública.

Não é preciso, disse, ser-se de uma cultura muito elevada

CRÓNICA DO PORTO

Os polvos insaciáveis

A Companhia Carris e a Câmara preparam um novo convénio ou seja mais um assalto à bolsa do público

PORTO, 3.—O primeiro patrício Joaquim Severiano da Silva, fortemente encravado na Companhia Carris de Ferro, que possui carros que causam nojo ao turismo—que mais dinheiro, isto é, mais uma vez, imolar a besta dos passageiros aos repetidos imprecios de ganhando estuprada...

Como sempre, manifestou a sua vontade imperiosa aos ilustres burgomestres do antigo Pão do Bisco, os quais não vão ao muito contrário da imperial solicitação...

Na Companhia Carris... não fôssemos a Companhia Carris...

Aventava a opinião criteriosa de que a Companhia referida se deve dar elementos de vida, mas duma vida-lata, fastosa, opulentamente robusta. E para que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável—o principal patrício do sindicato da Boavista requereu à Câmara, na sua qualidade de caxilense médico, uma transfusão de sangue público para as suas avaradias da Companhia Carris...

E por esta vontade e severa na consulta o José da Silva não levou em consideração a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respondeu ao diretor dos diretores, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade invejável...

Se fôssemos a Companhia Carris, o principal patrício, respeitando a conciliaroriamente ao ofício da Câmara—é que a sua vida-lata, tão antinómica, tão clóstica, não utilizada, possa adquirir-lhe as condições de sanidade

Contributos para a compra de material tipográfico

Transporte, 11.280576.
Américo Barreiros, 2550; Francisco Lourenço, Marteiro-Lagos, 2550; Manuel Mascarenhas, 1300; José Peres, 2350; Abílio Correia Lemos, 1300; António Sande Pereira, 1300; Dois empregados da Shalk, 2300; Américo Azevedo, 1550; Adelino Lopes, 1550; Manuel Augusto Bebiiano, 5500; Engélio Dias, 1550; António Baptista Pereira, 1550; Fausto Neto, 2500; João Franco Almeida, 5500; José Henriques, 350; António Dias, 150; Artur Marques Moita, 2500; Manuel Vicente Cordeiro, 2550; José das Neves, 5500; Joaquim José Lopes da Silva, 2500; Manuel Joaquim Pereira, 1550; Abílio Jerônimo, 2550; Casimiro Neves Almeida, 1550; e sua mulher, 1500; José Almeida Lima, 5500; António Ferreira, 3500; João M. Russo, 1550; A. Pimentel, 1500; Quete num balee em São Marcos, 1550.

Gonçalves Ferreira, 2550; Manoel Augusto Saraiva, 5500; Ermindo Lopes, 5500; José de Carvalho, 1500; Francisco Miguel Azevedo, 6500; Artur Torres Gomes, 5500; Manoel Esteves Coimbra, 5500; Dr. Leonel de Almeida Castelo Branco, 5000; Belmiro Menezes, 2550; Cassiá Prazeres Silva, 1500; Cabe Elias, 2550; Um kamarada, 1000; Quete aberta por Virgínia da Conceição, 750; Virgínia da Conceição, 2550; M. Guiberto de Almeida, 5500; Avelino da Costa — Pátria — 1500; Florido Costa, 1000; D. M. C., 5500; Américo Azevedo, 1500; Manoel Azevedo, 1500; Alexandre Azevedo, 1500; Francisco Dias, 1500; Alvaro de Oliveira, Guia, 2550; Manoel Filipe, idem, 2550; José dos Santos, idem, 1500; David João de Oliveira, idem, 1500.

Quete em Ferrugado: — Manuel Duarte, 1500; António Ferreira, 1500; Francisco dos Santos, 1500; José Capucho, 1500; Joaquim Guerreiro, 1500; José Vieira, 1500; José Lourenço, 1500; Rodrigues, 1500; José Lourenço, 1500; Santos, 2550; José Lelis, 1500; João Firmino, 1500; José de Almeida, 5500; José António dos Santos, 1500; Firmino Braga, 1500; José Francisco Alves, 1500; José Gonçalves Nunes, 1500; José Vicente, 1500; Joaquim Martins, 1500; João Varela, 1500; António

Simões, 1500; José Monteiro, 1500; Francisco Lopes, 1500; António Raimundo, 1500; António Ferreira e Manuel Duarte, 1500; — Soma, 4250.

Quete aberta pelo Sindicato U. Metalúrgico de Aljustrel: — Mário Chaveiro, 1500; Salvador Jacinto, 1500; Abílio Barroso, 1500; Francisco Tulum, 1500; Manuel Daniel, 1500; Manuel F. Tendeiro, 1500; António Eugénio, 1500; Manoel C. Baptista, 1500; Manuel S. Barão, 1500; Fredo Mendes, 1500; Mário Lourenço, 1500; Jacob, 1500; Jerônimo, 1500; Fernando dos Santos, 1550; Artur Pereira, 1550; Adelino A. Ferreira, 2550; Alvaro Pontes, 1500; Pedro dos Santos, 1550; Vicente Chaves, 1500; Alberto, 550; José, 1500; Joaquim, 1500; Anônimo, 550; — Soma, 2250.

Quete entre um grupo de amigos da Esperança: — A. L., 1500; E. D., 1500; S. O., 1500; L. P., 2550; M. Q., 1500; J. R., 1500; N. N., 1500; V. V., 1500; A. E., 1500; N. N., 1500; S. C., 1500; E. B., 1500; D. P., 1500; A. S. 550; — Soma, 2800.

Quete aberta em Almada por José Inácio Júnior: José Inácio Júnior, 1500; Afonso, 1500; José Ferreira, 1500; Joaquim Jorge, 1500; João Domingos, 1500; Nicolau Abrantes, 1500; António Domingos, 1500; António Martinho, 1500; Jaime Alberto, 1500; António dos Santos, 550; Domingos Luís, 550; Manuel Esteves, 1500; Mário Augusto, 1500; Joaquim Alves, 1500; João Farinha, 1500; António Elias, 1500; Pedro José Rodrigues, 1500; Augusto Vieira, 1500; João Reinaldo, 1500; Sátil Lopes, 1500; Tomás Antunes, 1500; António Alívio, 550; — Soma, 1950.

Quete aberta na Barbearia da Rua dos Remédios, 106 — Anônimo, 1500; Henrique, 1500; Guilherme Lopes, 1500; José Maria da Silva, 1500; Gomes, 1500; Francisco Machado, 1500; Raul Armando, 1500; Alfredo Jacob, 1500; Joaquim Almeida, 1500; António J. J. 2550; Luiz António Pereira, 2550; Fernando Bravo, 2550; Francisco Pina, 1500; Raul Braga, 1500; M. Braga, 1500; Vitor Hugo, 1500; João Marques, 2550; João dos Santos, 2500; Alberto Lopes, 1500; Soma, 2600.

(*) Contribuintes no Anuário Comercial em cota semanal — A. G., 1500; Domingos Pampulha, 1500; António Lopes de Carvalho, 1500; José Mendes Pires, 1500; Domingos Santos Madeira, 1500; António Dias, 1500; José Simões Paiva, 1500; Armindo Cunha (aprendiz), 550; Augusto Duarte, 1500; Amil, 1500; Soma, 950. A transportar, 11.70820.

Quete aberta pelo Sindicato Metalúrgico do Porto, na fábrica n.º 2 da Companhia Metalúrgica do Norte: — Reinaldo Borges, 2550; Carlor Carvalho, 1500; Joaquim Rodrigues, 1500; João Cardoso, 1500; Francisco Machado, 1500; Manoel Mariano, 550; Manoel Alves, 1500; Rodrigo Mendes, 550; Manuel Martins, 1500; Fernando, 1500; Virgílio Barreto, 1500; José Bento, 550; Ramos, 1500; Gonçalves, 550; Manuel Pereira, 550; — Soma, 3050.

Quete aberta pelo Sindicato Metalúrgico do Pórtico, na fábrica n.º 2 da Companhia Metalúrgica do Norte: — Reinaldo Borges, 2550; Carlor Carvalho, 1500; Joaquim Rodrigues, 1500; João Cardoso, 1500; Francisco Machado, 1500; Manoel Mariano, 550; Manoel Alves, 1500; Rodrigo Mendes, 550; Manuel Martins, 1500; Fernando, 1500; Virgílio Barreto, 1500; José Bento, 550; Ramos, 1500; Gonçalves, 550; — Soma, 3050.

Quete aberta pelo Sindicato Metalúrgico do Pórtico, na fábrica n.º 2 da Companhia Metalúrgica do Norte: — Reinaldo Borges, 2550; Carlor Carvalho, 1500; Joaquim Rodrigues, 1500; João Cardoso, 1500; Francisco Machado, 1500; Manoel Mariano, 550; Manoel Alves, 1500; Rodrigo Mendes, 550; Manuel Martins, 1500; Fernando, 1500; Virgílio Barreto, 1500; José Bento, 550; Ramos, 1500; Gonçalves, 550; — Soma, 3050.

Quete aberta pelo Sindicato Metalúrgico do Pórtico, na fábrica n.º 2 da Companhia Metalúrgica do Norte: — Reinaldo Borges, 2550; Carlor Carvalho, 1500; Joaquim Rodrigues, 1500; João Cardoso, 1500; Francisco Machado, 1500; Manoel Mariano, 550; Manoel Alves, 1500; Rodrigo Mendes, 550; Manuel Martins, 1500; Fernando, 1500; Virgílio Barreto, 1500; José Bento, 550; Ramos, 1500; Gonçalves, 550; — Soma, 3050.

Quete aberta pelo Sindicato Metalúrgico do Pórtico, na fábrica n.º 2 da Companhia Metalúrgica do Norte: — Reinaldo Borges, 2550; Carlor Carvalho, 1500; Joaquim Rodrigues, 1500; João Cardoso, 1500; Francisco Machado, 1500; Manoel Mariano, 550; Manoel Alves, 1500; Rodrigo Mendes, 550; Manuel Martins, 1500; Fernando, 1500; Virgílio Barreto, 1500; José Bento, 550; Ramos, 1500; Gonçalves, 550; — Soma, 3050.

Quete aberta pelo Sindicato Metalúrgico do Pórtico, na fábrica n.º 2 da Companhia Metalúrgica do Norte: — Reinaldo Borges, 2550; Carlor Carvalho, 1500; Joaquim Rodrigues, 1500; João Cardoso, 1500; Francisco Machado, 1500; Manoel Mariano, 550; Manoel Alves, 1500; Rodrigo Mendes, 550; Manuel Martins, 1500; Fernando, 1500; Virgílio Barreto, 1500; José Bento, 550; Ramos, 1500; Gonçalves, 550; — Soma, 3050.

Quete aberta pelo Sindicato Metalúrgico do Pórtico, na fábrica n.º 2 da Companhia Metalúrgica do Norte: — Reinaldo Borges, 2550; Carlor Carvalho, 1500; Joaquim Rodrigues, 1500; João Cardoso, 1500; Francisco Machado, 1500; Manoel Mariano, 550; Manoel Alves, 1500; Rodrigo Mendes, 550; Manuel Martins, 1500; Fernando, 1500; Virgílio Barreto, 1500; José Bento, 550; Ramos, 1500; Gonçalves, 550; — Soma, 3050.

Quete aberta pelo Sindicato Metalúrgico do Pórtico, na fábrica n.º 2 da Companhia Metalúrgica do Norte: — Reinaldo Borges, 2550; Carlor Carvalho, 1500; Joaquim Rodrigues, 1500; João Cardoso, 1500; Francisco Machado, 1500; Manoel Mariano, 550; Manoel Alves, 1500; Rodrigo Mendes, 550; Manuel Martins, 1500; Fernando, 1500; Virgílio Barreto, 1500; José Bento, 550; Ramos, 1500; Gonçalves, 550; — Soma, 3050.

Quete aberta pelo Sindicato Metalúrgico do Pórtico, na fábrica n.º 2 da Companhia Metalúrgica do Norte: — Reinaldo Borges, 2550; Carlor Carvalho, 1500; Joaquim Rodrigues, 1500; João Cardoso, 1500; Francisco Machado, 1500; Manoel Mariano, 550; Manoel Alves, 1500; Rodrigo Mendes, 550; Manuel Martins, 1500; Fernando, 1500; Virgílio Barreto, 1500; José Bento, 550; Ramos, 1500; Gonçalves, 550; — Soma, 3050.

Quete aberta pelo Sindicato Metalúrgico do Pórtico, na fábrica n.º 2 da Companhia Metalúrgica do Norte: — Reinaldo Borges, 2550; Carlor Carvalho, 1500; Joaquim Rodrigues, 1500; João Cardoso, 1500; Francisco Machado, 1500; Manoel Mariano, 550; Manoel Alves, 1500; Rodrigo Mendes, 550; Manuel Martins, 1500; Fernando, 1500; Virgílio Barreto, 1500; José Bento, 550; Ramos, 1500; Gonçalves, 550; — Soma, 3050.

Quete aberta pelo Sindicato Metalúrgico do Pórtico, na fábrica n.º 2 da Companhia Metalúrgica do Norte: — Reinaldo Borges, 2550; Carlor Carvalho, 1500; Joaquim Rodrigues, 1500; João Cardoso, 1500; Francisco Machado, 1500; Manoel Mariano, 550; Manoel Alves, 1500; Rodrigo Mendes, 550; Manuel Martins, 1500; Fernando, 1500; Virgílio Barreto, 1500; José Bento, 550; Ramos, 1500; Gonçalves, 550; — Soma, 3050.

Quete aberta pelo Sindicato Metalúrgico do Pórtico, na fábrica n.º 2 da Companhia Metalúrgica do Norte: — Reinaldo Borges, 2550; Carlor Carvalho, 1500; Joaquim Rodrigues, 1500; João Cardoso, 1500; Francisco Machado, 1500; Manoel Mariano, 550; Manoel Alves, 1500; Rodrigo Mendes, 550; Manuel Martins, 1500; Fernando, 1500; Virgílio Barreto, 1500; José Bento, 550; Ramos, 1500; Gonçalves, 550; — Soma, 3050.

Quete aberta pelo Sindicato Metalúrgico do Pórtico, na fábrica n.º 2 da Companhia Metalúrgica do Norte: — Reinaldo Borges, 2550; Carlor Carvalho, 1500; Joaquim Rodrigues, 1500; João Cardoso, 1500; Francisco Machado, 1500; Manoel Mariano, 550; Manoel Alves, 1500; Rodrigo Mendes, 550; Manuel Martins, 1500; Fernando, 1500; Virgílio Barreto, 1500; José Bento, 550; Ramos, 1500; Gonçalves, 550; — Soma, 3050.

Quete aberta pelo Sindicato Metalúrgico do Pórtico, na fábrica n.º 2 da Companhia Metalúrgica do Norte: — Reinaldo Borges, 2550; Carlor Carvalho, 1500; Joaquim Rodrigues, 1500; João Cardoso, 1500; Francisco Machado, 1500; Manoel Mariano, 550; Manoel Alves, 1500; Rodrigo Mendes, 550; Manuel Martins, 1500; Fernando, 1500; Virgílio Barreto, 1500; José Bento, 550; Ramos, 1500; Gonçalves, 550; — Soma, 3050.

Quete aberta pelo Sindicato Metalúrgico do Pórtico, na fábrica n.º 2 da Companhia Metalúrgica do Norte: — Reinaldo Borges, 2550; Carlor Carvalho, 1500; Joaquim Rodrigues, 1500; João Cardoso, 1500; Francisco Machado, 1500; Manoel Mariano, 550; Manoel Alves, 1500; Rodrigo Mendes, 550; Manuel Martins, 1500; Fernando, 1500; Virgílio Barreto, 1500; José Bento, 550; Ramos, 1500; Gonçalves, 550; — Soma, 3050.

Quete aberta pelo Sindicato Metalúrgico do Pórtico, na fábrica n.º 2 da Companhia Metalúrgica do Norte: — Reinaldo Borges, 2550; Carlor Carvalho, 1500; Joaquim Rodrigues, 1500; João Cardoso, 1500; Francisco Machado, 1500; Manoel Mariano, 550; Manoel Alves, 1500; Rodrigo Mendes, 550; Manuel Martins, 1500; Fernando, 1500; Virgílio Barreto, 1500; José Bento, 550; Ramos, 1500; Gonçalves, 550; — Soma, 3050.

Quete aberta pelo Sindicato Metalúrgico do Pórtico, na fábrica n.º 2 da Companhia Metalúrgica do Norte: — Reinaldo Borges, 2550; Carlor Carvalho, 1500; Joaquim Rodrigues, 1500; João Cardoso, 1500; Francisco Machado, 1500; Manoel Mariano, 550; Manoel Alves, 1500; Rodrigo Mendes, 550; Manuel Martins, 1500; Fernando, 1500; Virgílio Barreto, 1500; José Bento, 550; Ramos, 1500; Gonçalves, 550; — Soma, 3050.

Quete aberta pelo Sindicato Metalúrgico do Pórtico, na fábrica n.º 2 da Companhia Metalúrgica do Norte: — Reinaldo Borges, 2550; Carlor Carvalho, 1500; Joaquim Rodrigues, 1500; João Cardoso, 1500; Francisco Machado, 1500; Manoel Mariano, 550; Manoel Alves, 1500; Rodrigo Mendes, 550; Manuel Martins, 1500; Fernando, 1500; Virgílio Barreto, 1500; José Bento, 550; Ramos, 1500; Gonçalves, 550; — Soma, 3050.

Quete aberta pelo Sindicato Metalúrgico do Pórtico, na fábrica n.º 2 da Companhia Metalúrgica do Norte: — Reinaldo Borges, 2550; Carlor Carvalho, 1500; Joaquim Rodrigues, 1500; João Cardoso, 1500; Francisco Machado, 1500; Manoel Mariano, 550; Manoel Alves, 1500; Rodrigo Mendes, 550; Manuel Martins, 1500; Fernando, 1500; Virgílio Barreto, 1500; José Bento, 550; Ramos, 1500; Gonçalves, 550; — Soma, 3050.

Quete aberta pelo Sindicato Metalúrgico do Pórtico, na fábrica n.º 2 da Companhia Metalúrgica do Norte: — Reinaldo Borges, 2550; Carlor Carvalho, 1500; Joaquim Rodrigues, 1500; João Cardoso, 1500; Francisco Machado, 1500; Manoel Mariano, 550; Manoel Alves, 1500; Rodrigo Mendes, 550; Manuel Martins, 1500; Fernando, 1500; Virgílio Barreto, 1500; José Bento, 550; Ramos, 1500; Gonçalves, 550; — Soma, 3050.

Quete aberta pelo Sindicato Metalúrgico do Pórtico, na fábrica n.º 2 da Companhia Metalúrgica do Norte: — Reinaldo Borges, 2550; Carlor Carvalho, 1500; Joaquim Rodrigues, 1500; João Cardoso, 1500; Francisco Machado, 1500; Manoel Mariano, 550; Manoel Alves, 1500; Rodrigo Mendes, 550; Manuel Martins, 1500; Fernando, 1500; Virgílio Barreto, 1500; José Bento, 550; Ramos, 1500; Gonçalves, 550; — Soma, 3050.

Quete aberta pelo Sindicato Metalúrgico do Pórtico, na fábrica n.º 2 da Companhia Metalúrgica do Norte: — Reinaldo Borges, 2550; Carlor Carvalho, 1500; Joaquim Rodrigues, 1500; João Cardoso, 1500; Francisco Machado, 1500; Manoel Mariano, 550; Manoel Alves, 1500; Rodrigo Mendes, 550; Manuel Martins, 1500; Fernando, 1500; Virgílio Barreto, 1500; José Bento, 550; Ramos, 1500; Gonçalves, 550; — Soma, 3050.

Quete aberta pelo Sindicato Metalúrgico do Pórtico, na fábrica n.º 2 da Companhia Metalúrgica do Norte: — Reinaldo Borges, 2550; Carlor Carvalho, 1500; Joaquim Rodrigues, 1500; João Cardoso, 1500; Francisco Machado, 1500; Manoel Mariano, 550; Manoel Alves, 1500; Rodrigo Mendes,

— Caíra debaixo dos nossos machados, Sigefrido; eles são bem pesados e têm bons gumes... — Ao menor movimento, que um toque de clarim de o signal de rebate no burgo... e logo estaremos aqui.

— Boas precauções, Sigefrido, mas escusadas. A ponte foi tirada, e demais, o lôdo dos fossos, é tão profundo, que um homem que tentasse a passagem desapareceria imediatamente... Finalmente, não há estranhos no burgo; nós somos, contando com o séquito do rei, mais de trezentos homens armados... quem tentaria libertar esses cães? não estão eles, além disso, tão incapazes de andar como uma lebre com as quatro patas cortadas?... Repito-te, Sigefrido, que essas precauções são boas, nós a seguirímos, mas serão escusadas...

— Vigiem sempre cautelosamente até amanhã, dia do suplício desses malditos; é só uma noite que têm de passar mal.

— Passal-a-hemos alegremente a beber e a cantar! Com que então vai muita alegria na sala do banquete, Sigefrido?

— O sol de maio derrete menos o orvalho do que os nossos bebedores enxugam os tonéis cheios; e as montanhas de conestáveis desaparecerão nos abismos das barrigas... já se não fala, grita-se; mas tarde não gritarão, berrarão! Os leudas de Chram faziam-se graves ao princípio; mas agora escancaram a boca até às orelhas para rir, beber e comer... São, entretanto, bons e alegres companheiros; o cume da nossa parte tinha-nos irritado contra eles; essa rivalidade afogou-se no vinho, ainda há pouco na sua embriaguez o velho Befred, dando monstruosos arrotos, abraçava chamando como uma bezerra, um dos jovens guerreiros do séquito rial, e chamava-lhe seu querido filho.

— Ah! ah... que bela cena...

— Efinim, para completar a festa, diz-se que acabam de introduzir no burgo um pelotiqueiro com um urso e um macaco. Néroweg propôz este divertimento ao rei Chram e o mordomo acaba de dar ordem de mandar

entrar o homem e os animais na sala do banquete. Vou depressa para casa a fim de gozar também do divertimento...

— Feliz Sigefrido! vais ver o urso e o macaco!

— Prometo-lhes, rapazes que depois do rei se ter divertido com o pelotiqueiro, pedirei ao conde que mande para aqui o homem com os animais...

— Sigefrido, tu és um bom companheiro!

— Mas vigiem bem os presos!

— Descansa e bebe sozinho!... Agora, vamos ao vinho, à caça! enquanto não chega o homem, o urso e o macaco, bebamos o líquido à saúde do bom rei Chram e de Néroweg.

A alâmpada de ferro, pendurada por baixo da parte saliente do arco do antigo ergástulo, alumia as suas proximidades e os grupos de frances, que comem, riem e bebem da parte de fora; esta alâmpada, alumando também a entrada do subterrâneo, fechado com barras de ferro, dardava a sua vermelha e va-lante claridade sobre os presos gauleses, reunidos não longe da abertura desta prisão, cuja profundidade permanecia em trevas.

Junto da grade do ergástulo, a pequena Odilla, deitada no chão, com as mãos cruzadas no seu scio de quinze anos, como uma defunta que vai a enterrar, tinha também a palidez da morte; sentada junto dela, a bispa, sempre formosa, ainda que pálida e emagrecida, sustinha nos joelhos a cabeça da menina e contemplava-a com os olhos de mãe... Ronan, com as pernas embrulhadas em trapos, com as mãos carregadas de algemas de ferro, incapaz de estar em pé ou de joelhos e sentado não longe das duas mulheres, encostado às paredes do subterrâneo, lança sobre Odilla um olhar não menos apiedado do que o da bispa; o eremita lavrador, amarrado como seu irmão, de quem partilhou a tortura, está sentado junto dele e mostra-se comovido à vista dos desvelos que a bispa prodigaliza à pequena escrava, a qual parece moribunda.

— Morre, pequena Odilla! dizia Ronan, morre, minha menina... tu serás queimada viva, e mais vale morrer da ferida que fizeste a ti mesma com valorosa, mas débil mão, quando há um mês me julgaste morto!

— Pobre pequena! a cormoção desse dia extenuou-lhe as forças... Vê, Ronan, como o rôsto dela se torna cada vez mais lido!

— Abençoemos essa lívida palidez, formosa bispa; ela anuncia uma morte próxima... e essa morte salvará a pobre menina das dores do suplício; não a li-vrou já a sua ferida das brutalidades do conde e da tortura de hoje?... Morre, morre, pequena Odilla, nós reviveremos em outra parte! Livre, tu serias minha mulher na Vagaria, se anuissesse a isso, porque já te amava ternamente pela tua meiguidade, pela tua formosura, e pela desgraça e vergonha que te feriram ainda tam nova, criança inocente mesmo depois da tua desonra!... Morre, pequena Odilla... Tam verdade como eu e meu irmão, receio menos o suplício do que ver-te queimar viva, visto que seré o último a morrer... Oh! se eu não tivesse as pernas neste estado, arrastar-me-hia até ali; se não tivesse as mãos acorrentadas, afogar-te-ia com mão previdente do mesmo modo que nossas avós, as gaulesas de outro tempo, matavam seus filhos a fim de os subtraírem ao cativeiro! Formosa bispa, tu, que tens os braços livres, não poderias estrangular pouco a pouco essa querida menina? O leve sôpore de vida que ainda a anima em breve se extinguiria!

— Já pensei nisso... Ronan, mas não me atrevo...

— Mas se por ventura Odilla sobreviver, a sorte dela será igual a tua... Ouve, despi-lhe diante dos frances!

— Cala-te... Ronan... a cõr sobe-me ao rôsto... Para mim, que sou mulher, é esse o pior dos suplícios...

— O teu marido bispo bem sabe isso..., como sabia também que a tortura de hoje e faria perder uma parte das forças necessárias para suportares o suplício de amanhã; por isso benignamente te poupou...;

— E tu não tens pena de morrer?

— Ronan, eu quiz matar-me quando te julguei morto...; estás sentenciado como nós o estamos, já não tenho paixão mae! de quem terei eu pena neste

assentado-as-hão depois, a cada uma de per si, em cima de uma esaca aguda. Ah já me esquecia...; antes do suplício da estaca, arrancar-lhes-hão o bico dos seios com tenazes em brasa. Finalmente, serão lançadas na fogeira ainda vivas... A tortura é como vés, gra-duada infinitamente! e não queres tu, visto que o podes fazer, subtrair a ela essa criaturinha?... Ah! de-cides-te, enfim... as tuas mãos aproximam-se do pescoco da pequena Odilla... Vamos, não tenhas fra-quezza! lembra-te de nossas avós... matando os filhos a quem elas tanto queriam... Mas que! hesitas!... as tuas mãos tremem!... choras!

— Não me atrevo...; não me atrevo...

— Coração covarde!!!

— Eu cobarde?... não... se ela fosse minha fi-cha... mata-lhe-hia!

— E' justo, Odilla, é para ti uma estranha... tu não podes querer-lhe bastante para que te resolvases a mata-la. Devemos, Loysik, perdoar a bispa aquela falta de ternura...

Nesta ocasião a pequena escrava faz um movimento, solta um leve suspiro, levanta um pouco a cabeça, os seus olhos abrem-se, procuram em primeiro lugar Ronan... fita-os nêle e no fim de alguns instantes diz-lhe com voz fraca:

— Ronan... a noite já passou, porque eu vejo claridade.

— Não é o dia, minha filha, é a luz da alâmpada que arde; as tuas forças parecem extenuadas.

— Sonhava... que minha mãe me embalava no seu colo cantando-me o bardito de Hêna; e que depois me dizia chorando: «Odilla, és tu, a quem vão queimar...» Então acordei e julguei que já era dia... Ah! Ronan! cemo tarda o dia de amanhã e esse suplício! esse suplício! quanto tempo durará ele... quando a dôr não seja tão forte, que eu morra logo...

— E tu não tens pena de morrer?

— Ronan, eu quiz matar-me quando te julguei morto...; estás sentenciado como nós o estamos, já não tenho paixão mae! de quem terei eu pena neste

CALÇADO
A Sapataria do Calhariz
a 25\$00 grande lote de sapatos cali preto, fôrma brôa, cujo valor é de 70\$00.
a 75\$00 botas em cali, preto, fôrma da moda, 2 gáspeas e 2 solas corridas, cujo valor é de 100\$00.
a 30\$00 sapatos de verniz abotoados e c. IX, para senhora, cujo valor é de 60\$00.
a 55\$00 sapatos de cali côntra da moda, cujo valor é de 80\$00.
a 59\$00 grande lote de botas, sola, Desde 6\$00 sapatos para criança
FOOT-BALL
Esta rasa, vende botas e bolas, muito mais baratas que qualquer outra casa
33, LARGO DO CALHARIZ, 33

Todos devem assinar Os mistérios do povo

Para conseguir cabeleiras assim



Use o Óleo de Mão de Vaca

Evita a queda dos cabelos promovendo o seu desenvolvimento, tornando-os brilhantes e flexíveis e eritando a caspa. 50 anos de venda asseguram os seus bons efeitos. Frasco 2.200. Para a província 3.200

Pertumaria Mendonça
43, CALÇADA DO COMBRO, 47
LISBOA

Armazém do Barateiro de Sapadores

FAZENDAS RETROZEIRO
em CASA
do seu
ARTIGO
BARATO
VENDE
todo o
ARTIGO

Evaristo Ferreira Baptista Júnior
Rua Sapadores, 143-A a 143-D — GRACA

Conselho Técnico da Construção Civil

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os estilos, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e marmores de todas as proveniências.

Telefone, C. 5339

Escrítorio: Calçada do Combro, 38-A, 2º

F. H. D'OLIVEIRA & C. a L. da

Casa fundada em 1895

Sede Social: Rua 24 de Julho, 148

Endereço telegráfico: MATERIAIS

Telefones C. 128 e C. 13 — LISBOA

Secção de Materiais de Construção, Madeiras para Construções, Marcenarias, Tanoarias, etc.

Artigos sanitários: Bacias, Bidés, Autoclimatos, Banheiras, Esquentadores, etc.

Artigos cerâmicos: Azulejos, Ladrilhos, Mosaicos, Tubos de barro e grés, Vasos, Pirâmides, etc.

Drogas, Tintas, Agua-rás, Resina, Produtos Químicos, Enxofres, Sulfato de cobre, Carboreto, etc.

Matérias primas para indústrias: Papéis para embrulho, sacos, fio, papelão, etc.

Secção de Lítigite para pavimentos e isolamento de tubos.

ADUELAS ITALIANAS E AMERICANAS

Rua 24 de Julho, 148 — Telefones 13 e 128 C.

Secção de Metais: Ferro em vigas, Barramentos, Cantoneiras, Tés, Arames, Chapas, Arcos, Ferro para fundição, Chumbo em barra e chapa, Zinco em barra e chapa, Estanho Cordeiro Bandeira, Antimônio, Alumínio, Carvão, etc.

Rua Vasco da Gama, 34 — Telefone 2950

Secção de Ferragens e Ferramentas: Fechaduras, Machas-fêmeas, Pregos, Parafusos, Molas, Martelos, Formões, Plainas, Serras Brocas, Verrugas, Louças de ferro esmaltado, Canivetes Facas, etc.

Rua do Comércio, 9 a 13 — Telefone 178 C.

Secção de Drogas e Produtos Químicos: Perfumaria, Al-vaiade, Cloreto de cal, Potassa, Carboreto, Grudes, Espónsas, Tintas, Secantes, Vernizes, Especialidades farmacêuticas, Quimino, Eter, Iodo, Bismuto, Iodeto, etc. Sabonetes, Essências, Essências para bebidas, etc.

Rua do Comércio, 1 a 5 — Telefone 178 C.

Agência no Pôrto
243, RUA DO ALMADA, 245

A grande baixa de calçado

só com o lucro de 10%.

MAIS — SAPATARIA SOCIAL OPERÁRIA

Sapatos para senhora... 30\$00

Sapatos em verniz... 38\$00

Botas pretas, (grande saldo)... 43\$50

Botas brancas, (saldo)... 28\$00

Grande saldo de botas pretas... 58\$50

Botas de côntra para homem... 46\$50

Não confundir a SOCIAL OPERÁRIA com outra casa.

Vê bem, pois só lá se encontra bom e barato.

A SOCIAL OPERÁRIA é na rua dos Cavaleiros, 18-20, com Filial da mesma rua n.º 69.

Madeiras de pinho

SOALHOS, torros, faias, barrotes, etc., sempre em depósito.

Recebemos encomendas. Pregos de construção de todos os números. Pedir preços.

à Empreita Industrial da Pregaria, Lda., de Aveias, de Caminho — Anadia.

Estação de Mongosfors.

Caminhos de Ferro do Estado

3.º Aditamento à Tarifa de Despesas Acessórias

Tendo sido modificadas, pela lei n.º

1.633, publicada no «Diário do Governo, n.º 159 (1.ª série) de 17 do corrente, as taxas de imposto de selo estabelecidas pelo decreto n.º 7.772 de 3 de Novembro de 1924, ficam, desde 21 de Julho de 1924, anulada sómente na parte que se refere ao imposto de selo, a tabela publicada por esta Administração, em 3 de Abril do corrente ano, em 2.º aditamento à Tarifa de Despesas Acessórias.

Desde a indicada data de 21 de Julho, o imposto de selo, tanto para passageiros como para quaisquer outros trans-

portes, é invariavelmente de 50\$00 sobre os preços de transporte em Portugal, excepto para as bagagens seu peso ex-

cedente.

Continua em vigor, na parte relativa

ao imposto de Fundo Nacional de As-

sistência Pública, o disposto no 2.º adi-

tamento à Tarifa de Despesas Acessó-

rias.

Continua em vigor, na parte relativa

ao imposto de Fundo Nacional de As-

sistência Pública, o disposto no 2.º adi-